



A TRAJETÓRIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: A FALTA DE TRADIÇÃO E A FRAGILIDADE DA DISCIPLINA

Alexandra Garcia Mascarenhas¹ - IFSUL

Resumo: Este artigo apresenta as representações dos alunos sobre a Sociologia no Ensino Médio, a partir de depoimentos encontrados em comunidades virtuais de alunos e professores da rede social *Orkut*. Os conceitos de Discurso, Enunciados, Formações Discursivas, Poder e Saber em Michel Foucault e de Representações em Stuart Hall nortearam a análise de dados deste trabalho. As categorias apresentadas são: a trajetória da Sociologia como disciplina do Ensino Médio, pressupostos metodológicos, questões que remetem as licenciaturas em Ciências Sociais e Sociologia e os valores atribuídos aos diferentes campos científicos. Após a análise de dados das categorias foi possível perceber, entre outras evidências, que uma licenciatura em Ciências Sociais precisa proporcionar ao licenciado meios de integrar os conhecimentos específicos aos conhecimentos pedagógicos permitindo o diálogo entre estas áreas, tentando assim, superar a dicotomia entre o bacharelado e a licenciatura.

Palavras-Chave: Sociologia no Ensino Médio – Representações – Discurso

Este artigo apresenta parte dos dados da dissertação de Mestrado em Educação a qual teve como objetivo analisar as representações dos alunos sobre a Sociologia no Ensino Médio através dos depoimentos encontrados em algumas comunidades virtuais da rede social *Orkut* criada pelo engenheiro de *software*, o turco Orkut Buyukkokten².

Pesquisar as representações dos alunos sobre a Sociologia no Ensino Médio justificase por vários motivos. O primeiro deles é o momento que estamos vivendo a partir da aprovação da Lei 11.684 de 02 de junho de 2008, que versa sobre a obrigatoriedade da presença da Sociologia e da Filosofia no Ensino Médio. Dessa forma as escolas de nível médio passam por adaptações à lei, tendo que pensar na carga-horária, na regência de classe e no programa da disciplina.

Como professora desta disciplina participo desde 2008, na instituição da qual faço parte do corpo docente, das discussões sobre a reformulação dos currículos nos cursos técnicos de nível médio, de forma a contemplar a Lei da obrigatoriedade, que tem este ano,

¹ Professora de Sociologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, mestranda do Programa de Pós-Graduação FAE/UFPEL (defesa em abril de 2012), na linha de Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente, orientada pela prof^a. Dra. Maria Manuela Alves Garcia. Email: alexandramascarenhas@gmail.com

² Até pouco tempo 72% dos usuários do *Orkut* eram brasileiros, fazendo com que fosse considerada a maior e mais popular rede social virtual do país (MANSUR; GUIMARÃES, 2010). Em 2012 o *Orkut* foi ultrapassado pelo Facebook (TECMUNDO, 2012).

como prazo final para ser colocada em prática. A obrigatoriedade da presença da Sociologia (e também Filosofia) envolveu o aumento considerável de carga-horária e, conseqüentemente, a diminuição do tempo curricular de outras disciplinas. Desde a promulgação da Lei 11.684/2008 entidades de classes de sociólogos e filósofos estão se mobilizando através de eventos para discutirem os diversos aspectos que envolvem a questão da obrigatoriedade. Hoje, há um estímulo ainda maior para realização de pesquisas que envolvam a Sociologia como disciplina do Ensino Médio.

Além disso, e aqui exponho o meu segundo motivo para ter pesquisado o tema, a interrupção do ensino dessa disciplina nas escolas em diversos momentos da nossa história educacional dificultou o desenvolvimento do seu saber pedagógico e contribuiu para o desconhecimento e muita vezes para a desvalorização da Sociologia na formação do aluno de nível médio (SILVA, 2003).

O terceiro motivo que justificou a realização da pesquisa em questão foi o de conhecer as representações dos estudantes sobre a Sociologia no Ensino Médio, que constitui uma fonte importante e complementar a ser considerada no entendimento da participação desta disciplina no currículo escolar. E, no contexto das rápidas mudanças sociais que afetam a sociedade em âmbito global, o papel da escola e dos valores e saberes nela desenvolvidos são constantemente repensados. Conhecer as expectativas e as impressões dos estudantes torna-se cada vez mais uma necessidade pedagógica, já que é fundamental estimular neles uma postura ativa perante o conhecimento, e conseqüentemente, frente às exigências de uma formação profissional num mundo em constante transformação. Além disso, a informática e os ambientes virtuais são ferramentas e tecnologias dominadas por muitos jovens, que manifestam, a partir de *sites* de relacionamentos, *blogs* e fóruns, suas opiniões sobre diversos assuntos, entre eles, a sua escolarização.

Neste artigo são apresentados, em sua maioria, textos de professores retirados de fóruns e enquetes³ de comunidades virtuais do *Orkut*. A opção de incluir comunidades virtuais de professores no levantamento de dados foi com o intuito de realizar uma triangulação, buscando assim, consolidar algumas observações realizadas na análise das comunidades dos alunos. Apresento aqui onze textos⁴, sendo dois provenientes de uma

³ Pergunta feita pelo proprietário ou moderador que busca saber a opinião dos membros de uma determinada comunidade virtual sobre um assunto.

⁴ Chamo de texto os depoimentos de alunos e professores encontrados nos fóruns, enquetes e descrições de comunidades, de acordo com o artigo de Roque Moraes. No artigo, o autor entende texto como “produções lingüísticas, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo. São vistos como produtos que expressam discursos sobre fenômenos e que podem ser lidos, descritos e interpretados,

comunidade virtual de alunos. Os sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa são membros das comunidades virtuais do *Orkut* que foram selecionadas levando em conta as que possuíam maior número de membros, ou as que tinham fóruns com depoimentos que conduzissem ao objetivo da pesquisa. As comunidades virtuais foram observadas durante quase seis meses e algumas delas, durante mais de um ano.

Os conceitos que nortearam a análise das categorias apresentadas neste artigo foram o de Discurso como uma construção social que nos interpela a pensar e agir conforme regras e normas estabelecidas⁵ que não são vistas necessariamente como imposições e que envolvem nossas práticas sociais, tendo Michel Foucault como referencial e de Representações em Stuart Hall. Para Hall, as representações não possuem um sentido único, fixo e de fácil identificação. Modificam-se conforme o lugar, grupos sociais, comunidades, cultura e as relações sociais existentes. Podemos dizer que a característica da representação de não possuir um sentido fixo é resultado da complexidade e da constante transformação em que vive o mundo contemporâneo, na qual os significados estão em constante resignificação.

A definição de Enunciados⁶ foi central para a compreensão do discurso e para este trabalho. Outros conceitos como Formações Discursivas, Regimes de Verdade, Poder e Saber também encontrados em Michel Foucault e de Campo Científico e *Habitus*, desenvolvidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu também fizeram parte do referencial da dissertação que originou este artigo.

Apresento aqui, quatro das categorias que nortearam a análise das representações dos estudantes sobre a Sociologia no Ensino Médio. São elas: **a trajetória da Sociologia como disciplina do Ensino Médio, pressupostos metodológicos, questões que remetem as licenciaturas em Ciências Sociais e Sociologia e os valores atribuídos aos diferentes campos científicos.**

Um dos enunciados encontrado com maior frequência nas contribuições das comunidades de professores remete à **trajetória da Sociologia como disciplina do Ensino Médio**. Exponho os textos extraídos da comunidade “Professores de Sociologia”:

correspondendo a uma multiplicidade de sentidos que a partir deles podem ser construídos (MORAES, 2003, p. 194).

⁵ “Dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos”(VEIGA-NETO, 2007, p. 91).

⁶ Os Enunciados anunciam, faz o objeto surgir, é possível de ser demarcado, pois se repete, “como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte como um átomo o discurso” (FOUCAULT, 2002, p. 90). Ocorre toda vez que é emitido um conjunto disposições que podem ser repetidas. O enunciado existe sempre que for possível isolar um ato de formulação. Um enunciado “não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios [...]” (FOUCAULT, 2002, p. 98).

[...] é o antigo vício de querer repassar teorias e discursos para a disciplina de Sociologia no ensino médio [...] Obviamente as indas⁷ e vindas da disciplina na educação brasileira foram muitas, o que de certa forma explica a total falta de conexão com a realidade educacional, mas o “discurso” pronto ainda impera [...] Será que afirmar que ainda não temos um domínio de como fazer planos de aula ou mesmo de técnicas básicas de como agir dentro de uma sala de aula seja uma reclamação sem sentido ou pessimista? A realidade de ensinar jovens do ensino médio não é só uma questão de pensar positivo; requer mudanças, pesquisas, estudos e principalmente apoio das entidades que formam o professor de Sociologia (P., 09/01/2011)

[...] Penso que Sociologia e Filosofia sofrem preconceito entre outras coisas, por serem matérias muito recentes na grade. Até ontem nem eram obrigatória (G., 10/05/2010).

Como é possível perceber nos dois textos acima o histórico de discontinuidades que marcou a Sociologia como disciplina do Ensino Médio parece ser a causa de alguns problemas enfrentados hoje por esta ciência. Questões que envolvem as metodologias de ensino da disciplina, a escolha dos conteúdos programáticos e a bibliografia voltada para o Ensino Médio, também foram enunciados encontrados nas contribuições de algumas comunidades virtuais de alunos e professores, que se converteram nas categorias aqui apresentadas.

A Sociologia teve sua história marcada por de idas e vindas dentro do currículo das escolas secundárias. Tal fato é apontado como a causa das incertezas vivenciadas pelos professores desta disciplina no que diz respeito à ausência de referenciais curriculares, pois mesmo com as sugestões encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2002) – PCN’s – e nas Orientações Curriculares Nacionais (2006) – OCN’s – não há uma unanimidade sobre o que deve ser ensinado, também quanto aos objetivos da disciplina no Ensino Médio somada a uma bibliografia ainda escassa e a falta de uma tradição pedagógica. Talvez isso tudo se deva ao afastamento das Ciências Sociais e a Educação, pois, conforme Amaury Cesar Moraes: “a educação, como objeto ou campo de atuação, há muito vem passando por um processo de desvalorização, não só entre cientistas sociais, mas também quanto ao que se refere ao nível básico” (MORAES, 2003, p. 10).

⁷ A escrita original dos textos de alunos e professores foi mantida.

Então, não é difícil estabelecer relações entre as dificuldades em saber o que ensinar e como, que remetem a falta de articulação entre os conhecimentos específicos das Ciências Sociais e os conhecimentos da Educação, com o papel das licenciaturas em Ciências Sociais e Sociologia. Por isso, parece ter lógica associar a resistência dos alunos com relação à Sociologia, à ausência de referenciais de conteúdos, metodologias de ensino, bibliografia adequada e à desvalorização das licenciaturas que não dão conta de articular os conhecimentos específicos e os pedagógicos necessários para uma eficaz formação docente. Formação que permita ao docente um domínio sobre os seus conhecimentos e sobre o seu trabalho.

Retomando a ideia expressa no texto do professor “P”, lecionar “não é só uma questão de pensar positivo”, é preciso estudo, formação. E para isso, conta-se com uma instituição que tem este papel: o de formar professores. Há nas comunidades de professores pesquisadas uma grande preocupação com relação ao ensino de Sociologia. Os professores demonstram preocupação com o que ensinar e principalmente, como. Podemos ver a partir dos textos relacionados abaixo:

Gente estou comecei a dar aulas este ano e estou em crise...Minha aulas estão muito teóricas, quando chamo as alunos para o debate respondem ficam quietos, teve um sala que chegou ao cúmulo de preferir que eu passasse lição na lousa. Não sei mais o que fazer... Preciso de sugestões!!!! (Anônimo, 07/03/07).

A sugestão dos professores ao problema vivido pelo colega foi:

[...] levo jornais para sala de aula e divido os temas a partir dos enfoque que quero dar [...] daí distribuo os temas e peço que cada equipe trabalhe um tema a partir da pesquisa em jornal. Obs. já traz de casa o seu projeto didático e a ideia de como explorar os temas [...] (NA,09/03/07).

Sempre tive muito cuidado com a questão de aulas teóricas. A necessidade da contextualização acaba vindo a tona em situações como essa, onde o aluno do ensino médio, que não está lá para se especializar em sociologia, acaba ficando entediado com todo aquele conjunto de conceitos. Acho a teoria fundamental, mesmo no ensino médio. Conceitos e temáticas que se afirmam tanto nos PCNs como nos programas estaduais são de fundamental importância e só ganham sentido dentro de uma contextualização. Por isso é necessário, principalmente no Ensino Médio, a adoção de práticas que contextualizem os conceitos, dando alma e sentido a algo que inicialmente, se apresenta apenas como uma abstração nem sempre tão fácil de se compreender. Não podemos entupir nossos alunos com teorias e abstrações que em determinados momentos nem nós mesmos compreendemos muito bem. Mas também não podemos nos dar ao

luxo de deixar de lado as ferramentas teóricas produzidas pela sociologia dando ênfase apenas na leitura e no debate sem lastro conceitual. Devemos nos lembrar sempre que nosso conteúdo é justamente esse conjunto de conceitos, essas estruturas intelectuais e que a contextualização é o mecanismo fundamental para a compreensão de seus mecanismos de funcionamento (T.10/03/07).

Na comunidade virtual de alunos “Sociologia é só com o Júnior”, no fórum “‘Pq ele é o melhor professor de Sociologia” este dado também foi encontrado quando os alunos descrevem os motivos do professor, que dá nome a comunidade, ser considerado o melhor:

Pq ele é o melhor professor de Sociologia?
 Pq simplesmente,
 ele é super gente fina,
 atencioso,
 meio louco,
 completamente divertido,
 sabe explica a matéria a ser dada, quando dita algum texto..fik o
 horário td(kk)na msm palavra,
 é muito alto, me sinto tão pequena perto dele!(L. 01/05/08).

pq a aula dele é f... d mais cara
 ele falando max weber é mt f... msklamsaklsmaklsa (LU. 06/03/10).

Percebemos na leitura dos textos sobre o professor Júnior, que os alunos o consideram o “melhor professor de Sociologia”, em parte, por suas atitudes com a turma e, o mais importante para a pesquisa, por saber explicar a matéria, algo que é destacado pelos alunos quando eles mencionam a forma como é trabalhada a teoria de Max Weber.

Sendo assim, a formação adequada para a docência parece ser fundamental ao exercício da prática docente e no caso da Sociologia, talvez ajudasse na aceitação e compreensão sobre a disciplina nos currículos escolares, na medida em que, muitas vezes, os próprios professores não sabem explicar de fato as contribuições desta ciência nas escolas de nível médio. Percebe-se que ao defender o ensino de Sociologia jargões são repetidos, discursos são reproduzidos sem a problematização necessária. Encontrei depoimentos de membros nas comunidades de professores nos quais li afirmações de que “brasileiro detesta estudar”, de que é difícil “ensinar em um país que não gosta de ler”, sem contextualizar tal afirmação. Depoimentos os quais atribuíam a Sociologia a função de “desenvolver a opinião crítica”, “criar nos jovens um espírito crítico” e assim por diante. Sei que as redes sociais são espaços de discussões aligeiradas, sem muito aprofundamento e, na maioria das vezes, fomentada por acontecimentos que se destacam num determinado espaço e momento. No entanto, ainda assim, acredito que tais textos ali encontrados devam ser problematizados.

Nos textos dos professores nota-se uma grande preocupação com o que e como ensinar. No entanto, esta preocupação não parece ser associada pelos professores a questões que envolvam a formação. Poucas vezes percebi, através dos textos das comunidades, a relação entre os problemas vivenciados por eles e as carências na formação. Encontrei sim, um posicionamento que valorizava os conhecimentos específicos e, junto a isso, a profissão de Sociólogo. Admito ter ficado surpresa ao ler o depoimento abaixo, encontrado na comunidade “Professores de Sociologia”, no fórum “Apatia dos alunos”, no qual, a discussão inicial girava em torno das dificuldades em lecionar a disciplina devido à falta de interesse dos alunos. Nesse fórum, um professor ao responder as críticas refere-se a ele e aos colegas como “cientistas sociais” e não professores, conforme o texto a seguir:

Portanto, fico triste em ver cientistas sociais rotulando ou ironizando outros cient. sociais quando nem há um grande conhecimento acerca do lugar que cada um trabalha. Talvez seja o mal de cient. social, sempre visar a crítica [...] Hoje, creio que como cientistas sociais temos um imenso desafio, repensar a crítica e uma possível [sic] reconstrução, caminho para uma outra sociedade, sem os taticismos frequentes na esquerda em geral, sem desmerecê-la também (JR. 24/06/2009).

Ainda na mesma comunidade virtual, mas no fórum a “Revista Veja e a acusação contra Sociologia e Filosofia” e também na enquete “Você se sente realizado como sociólogo? Acha que é devidamente valorizado? Que sua profissão é importante?”, encontrei mais dois depoimentos com o mesmo teor, agora fazendo referência aos sociólogos. É importante lembrar que estamos falando de uma comunidade virtual chamada “Professores de Sociologia”.

Tem muito professor de Sociologia por ai que ainda acha que ser sociólogo é construir a luta armada. Na MINHA OPINIÃO, ser sociólogo é analisar os fatos e chegar a um denominador comum, é pesquisar, e ensinar a pensar, é ser crítico. Trabalho com meus alunos textos, videos, filmes e assuntos atuais pra que eles desenvolvam uma opinião crítica [...] (DO. 11/04/2010).

Me sinto realizado por minha escolha. Me sinto realizada dentro de uma sala de aula e gosto do que faço. Apesar da Educação não ser prioridade para nossos governantes, ser uma profissão mal remunerada, eu Não me arrependo. Tenho o prazer de ensinar. Sou socióloga com Orgulho. O que eu Sou, Consegui e Possuo, foi tudo

através da Educação. Quem não gosta, porque não tem vocação e escolheu a profissão errada...que faça outro curso e boa sorte! Quem quiser saber um pouco de Sociologia...eu posso dar aula particular, pois eu sei e aprendi para ensinar. Entre em contato: [...]. Abraços a todos da comunidade! Dr^a em Sociologia (NI. 25/09/2011).

Parece que antes de serem professores, alguns membros das comunidades virtuais analisadas se entendem como sociólogos, embora, o trabalho em sala de aula não tenha necessariamente relação com o exercício desta profissão e sim, com a docência. Mas o que faz com que isso aconteça? Por que sociólogo e não professor?

Para tentar responder a estas perguntas que permeiam as categorias apresentadas neste artigo, passo a abordar a questão da relação entre poder e saber e entre campos para entender a relação existente dentro da academia, materializada através da valorização dos cursos de bacharelado frente às licenciaturas, buscando assim, relacionar com a trajetória da Sociologia no nível médio e aos problemas enfrentados pela disciplina que surgem por entre as falas de alunos e professores.

Mesmo sabendo que para teóricos como Michel Foucault, o importante é saber o que esse discurso da valorização do bacharelado em relação às licenciaturas faz, ou seja, as verdades que ele produz, preciso tentar problematizar como eles se constituiu. Para tanto, acredito ser essencial agregar a este estudo os conceitos de campo científico desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Em conferência organizada pelo grupo *Sciences en Questions* em Paris, do *Institut National de la Recherche Agronomique* – INRA – em março de 1997 e que originou o livro “Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico” (2004), Pierre Bourdieu explica que o “campo” refere-se a um espaço de relativa autonomia e que possui leis próprias. Diz ainda que o campo é:

[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas (BOURDIEU, 2004, p. 20).

Cada campo possui propriedades e interesses específicos que o caracterizam e que são percebidos e reconhecidos por quem dele faz parte. Para que um determinado campo funcione é necessário que os indivíduos compactuem com estes interesses, sendo eles parte do seu *habitus*, ou seja, tendências construídas socialmente, que constituem, estruturam o nosso “ser

social” enquanto parte de um grupo. O *habitus* é o produto das relações sociais e dessa maneira, ao orientar as ações dos seus agentes, ele acaba garantindo a reprodução das relações que o produzem (BOURDIEU, 1983).

Ainda com relação aos campos científicos, para Pierre Bourdieu (2004), uma questão que os caracteriza seria o seu grau de autonomia, algo difícil de mensurar. Como quantificar o grau de autonomia existente entre diferentes áreas do conhecimento, ou de disciplinas que fazem parte de uma mesma área? No caso da Sociologia, como entender a posição que ela ocupa nos currículos escolares?

Mesmo tendo consciência que a atual posição da disciplina dentro da educação básica brasileira diz respeito também a um universo maior de problemáticas enfrentadas pela educação, tais como, a valorização instrumental da educação básica que privilegia algumas áreas do conhecimento, a desvalorização da docência, falta de investimentos, entre outros, preocupo-me com fatos localizados, mais diretamente ligados ao histórico da Sociologia como disciplina da educação secundária, que parecem ter efeitos ainda remanescentes dentro da academia e do sistema escolar.

A Sociologia foi introduzida no Brasil como disciplina da educação secundária, enquanto que em outros países, a introdução deu-se através das Faculdades de Direito (FERRARI, 1983). Porém, isso modificou-se rapidamente com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política, no Rio de Janeiro, em 1933, da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, em 1934 e da Universidade do Distrito Federal, hoje, UFRJ, em 1935, que contribuíram para que a Sociologia ingressasse no sistema científico brasileiro. As décadas de 40 e 50 corroboraram para que a Sociologia se estabelecesse como uma disciplina acadêmica comprometida com pesquisas e análises sociais. Foram muitos os acontecimentos políticos, econômicos e sociais que levaram a isso, tais como: o Estado Novo, o sufrágio popular, a mudança do Distrito Federal, o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, a renúncia de Jânio Quadros, ao governo militar a partir de 1964 (FERRARI, 1983). Tais acontecimentos estimularam a necessidade de compreensão sobre as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, encontrando na Sociologia, dentre outras Ciências Sociais, um espaço de análise a respeito dos fenômenos vivenciados pela nossa sociedade.

Contudo, segundo Ileizi Silva, Carolina Ferreira e Karina Souza (2002, p.01), a partir da década de 60, no que diz respeito à Educação, os intelectuais distanciaram-se pouco a pouco dos debates sobre o ensino das ciências sociais em geral, e, em particular, no campo escolar”. As autoras levantaram que a maioria dos artigos publicados em revistas especializadas nas áreas das Ciências Sociais e, também em Educação, que tratavam do tema

“ensino de Sociologia”, ocorreu durante o período de 1930 a 1960, que remete à institucionalização da Sociologia na educação básica brasileira. Até este período, os intelectuais viam na educação básica um espaço para a expansão e consolidação das Ciências Sociais no país, como é possível perceber através da comunicação de Florestan Fernandes “O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira”, publicada nos Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido em 1954:

A questão de se saber se a Sociologia deve ou não ser ensinada no curso secundário coloca-se entre os temas de maior responsabilidade, com que precisam defrontar-se os sociólogos no Brasil. Os interesses profissionais alimentam a presunção de que seria uma medida praticamente importante e desejável a introdução da sociologia no currículo da escola secundária brasileira. Admite-se que as oportunidades docentes concedidas aos licenciados em ciências sociais são demasiado restritas. A ampliação do sistema de matérias do ensino secundário permitiria garantir uma absorção regular ou permanente dos licenciados nesse setor e garantiria às secções de Ciências Sociais das Faculdades de Filosofia uma certa equivalência com as demais secções, no que concerne à motivação material dos alunos, que procuram essas Faculdades porque pretendem dedicar-se ao exercício do magistério secundário normal.[...] Nas condições brasileiras é quase impossível estimular o progresso das pesquisas sociológicas sem que se criem perspectivas de aproveitamento real de pessoal especializado (FERNANDES, 1976, P. 105)

Após a década de 60, a consolidação das Ciências Sociais no Brasil, passa a privilegiar a pesquisa científica e acadêmica, distanciando-se do campo escolar.

Podemos demarcar aqui o início da disputa entre o campo escolar e o campo acadêmico, sendo que este último relegou a educação como objeto de estudo. Um fato que corrobora esta minha constatação é o conteúdo do texto do relatório final do V Congresso Nacional de Sociólogos ocorrido em 1984, no qual encontramos na seção “O Sociólogo como Profissional da Área da Educação” a defesa em prol do sociólogo como o profissional com legitimidade para lecionar a Sociologia. Segundo os itens encontrados no relatório, deve haver um “combate decisivo à desvalorização do sociólogo como professor de ensino de primeiro e segundo graus” (DOSSIÊ CEUPES⁸/CACS⁹ apud MORAES, 2003, p. 10). O relatório final do V Congresso Nacional de Sociólogos orienta para sejam criados cursos de bacharelado nas

⁸ Não foi possível localizar o Dossiê Ceupes/CACS de 1985, por isso utilizei como referência o texto de Amaury César Moraes, professor de Metodologia do Ensino de Ciências Sociais da USP.

⁹CEUPES/CACS – Centro Universitário de Pesquisas e Estudos Sociais, Centro Acadêmico das Ciências Sociais – USP.

faculdades que só possuam licenciaturas, ou que estes sejam extintos caso não venham a oferecer o bacharelado (MORAES, 2003). O relatório do V Congresso Nacional de Sociólogos, evento promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS – vai ao encontro da Lei nº 6.888 de 10 de dezembro de 1980, que regulamenta a profissão de Sociólogo. Nela, é assegurado o exercício da profissão de Sociólogo aos bacharéis em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais e aos licenciados em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais com licenciatura Plena realizada até a data da lei, aos mestres e doutores em Sociologia, Sociologia Política ou Ciências Sociais, também diplomados até a data da lei (BRASIL, LEI 6888/80). O licenciado em Ciências Sociais ou Sociologia não teria formação adequada para fazer pesquisa, portanto, não pode ser considerado sociólogo (MORAES, 2003). No entanto, parece haver um consenso de que o sociólogo teria condições de “ensinar” Sociologia, por ter o domínio dos conhecimentos específicos desta ciência, mesmo sem possuir os conhecimentos pedagógicos essenciais para a formação docente. Cabe perguntar aqui, a formação, ou experiência em pesquisa é um pré-requisito para formar um professor? Parece que no discurso encontrado dentro da academia os conhecimentos específicos, no caso, das Ciências Sociais, passam a ser mais importantes, a ponto de dispensar os conhecimentos pedagógicos. Algo que não parece ser uma característica somente do campo das Ciências Sociais, mas ocorre em diversas áreas quando comparamos o tratamento dado aos bacharelados e às licenciaturas.

Essa situação explica os motivos pelos quais muitos professores de Sociologia se reconhecem como sociólogos e não como professores. A profissão docente aqui está sombreada, minimizada pela atividade que “parece” dar mais *status*, pelo menos dentro da academia, que é a de sociólogo.

O que resulta disso são cursos de licenciaturas que vivem à margem dos bacharelados, tendo seus currículos pensados a partir destes, o que justifica muitos professores manifestarem dificuldades em desenvolver conteúdos programáticos, material didático e metodologias de ensino, pois a formação para a docência é deficiente. Baseado em sua experiência como professor de Metodologia do Ensino de Ciências Sociais na USP e de uma década lecionando Sociologia no ensino médio, o professor Amaury César Moraes afirma que:

[...] quando os professores clamam por “conteúdos programáticos mínimos” de sociologia ou material didático adequado, acabam por manifestar uma formação deficiente para o exercício do magistério em nível médio. Parece que a “excelência” característica do bacharelado não é suficiente para superar as falhas da licenciatura. (2003, p. 15).

Os textos retirados das comunidades do *Orkut* expõem que as dificuldades dos professores podem resultar em aulas confusas, sem objetivos, não permitindo aos alunos realizarem conexões entre conteúdos, conceitos e teorias, fazendo com que eles questionem os motivos de estarem estudando Sociologia. Algo que foi constatado nos depoimentos de alguns alunos.

Aqui também destaco a dificuldade que muitas vezes os alunos possuem em entender a Sociologia por conta do vocabulário, ou “linguagem peculiar” (MILLS, 2009, p. 48) que esta ciência faz uso e que muitas vezes, o professor, por ser oriundo de uma licenciatura que está à sombra do bacharelado, leva para dentro da sala de aula. O sociólogo estadunidense Charles Wright Mills em seu ensaio “Sobre o artesanato intelectual” distribuído para uso em sala de aula em 1955 e publicado como apêndice da sua obra que se converteu num livro essencial aos estudantes de Ciências Sociais “A Imaginação Sociológica” de 1959, dedica parte do seu conteúdo a analisar esta característica das Ciências Sociais. Mills compartilha com os jovens estudantes a sua experiência como cientista social, detalhando impressões e fazendo algumas sugestões. O autor destaca em que a imaginação sociológica pode oferecer ao intelectual no desenvolvimento do seu ofício, “pode ser cultivada; por certo ela raramente ocorre sem grande quantidade de trabalho, muitas vezes rotineiro” e também, possibilita “passar de uma perspectiva para outra, e, nesse processo, consolidar uma visão mais adequada de uma sociedade total e de seus componentes” (MILLS, 2009, p. 41). Apesar de se referir aos benefícios que a imaginação sociológica pode fazer aos cientistas sociais este conceito, ou, este processo traz vantagens a outras áreas do conhecimento.

Outro aspecto importante na obra de Mills é que para ele o trabalho intelectual compare-se com o exercido pelo artesão. Daí a relação com a atividade profissional desenvolvida pelo cientista social, ou seja, a pesquisa, ser entendida como um “ofício” que se aprende artesanalmente. E a atividade docente, por que não pode ser entendida assim? O artesão tem o domínio sobre o seu trabalho, sobre a sua criação. Consegue enxergar todos os passos para chegar ao seu produto, ou “arte” finalizada. Dia a dia, exerce suas atividades, cada vez mais dominando-as passo a passo. Minha tentativa de comparação do trabalho artesanal com a docência restringe-se ao domínio, ao conhecimento sobre o seu ofício que perdemos a cada dia por inúmeros fatores, mas um deles é a própria desvalorização da docência.

Dentro desta questão, volto a destacar a importância da linguagem peculiar às Ciências Sociais. Exponho as palavras de Mills com relação a isto:

Sei que você concordará que deveria apresentar seu trabalho numa linguagem tão simples e clara quanto seu assunto e seu pensamento sobre ele o permitam. Mas como talvez tenha notado, uma prosa empolada e polissilábica parece prevalecer nas ciências sociais. Suponho que os que a usam acreditam que estão imitando a “ciência física” e não percebem que grande parte *dessa* prosa não é totalmente necessária. De fato, foi dito, e com razão que há “uma grave crise na capacidade de ler e escrever” – uma crise com que os cientistas sociais estão muito envolvidos” (MILLS, 2009, p. 48).

Para concluir a análise das categorias **a trajetória da Sociologia como disciplina do Ensino Médio**, os **pressupostos metodológicos**, as **questões que remetem as licenciaturas em Ciências Sociais e Sociologia** e **valores atribuídos aos diferentes campos científicos** considero que uma licenciatura em Ciências Sociais precisa desenvolver em seu currículo os conhecimentos específicos das Ciências Sociais, proporcionando ao futuro professor o saber especializado desta área que o distingue dos demais, sabendo então reconhecer o seu objeto de estudo, conceitos, teorias e temas e também os conhecimentos específicos da área da Educação, que permitam ao licenciado enxergar o processo educacional como um fenômeno a ser analisado. Uma formação para docência em Ciências Sociais precisa proporcionar meios de integrar os conhecimentos específicos aos conhecimentos pedagógicos permitindo o diálogo entre estas áreas.

Talvez, somente assim a dicotomia entre bacharelado e licenciatura seja superada. E mais que isso, que se supere essa “formação” que não forma nem para uma coisa, nem para outra, que fica à margem. Nem se forma um professor para ser sociólogo, pois não é esse o objetivo e também não se forma o professor para “SER” professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia crítica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio/Ministério da Educação**, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002. 360p.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações curriculares para o ensino médio**, volume 3. Brasília: MEC, SEMTEC, 2006. 133p.

_____. **Lei 11.684.** Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm08](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm08)>. Acesso em: 09 de julho de 2009.

_____. **Lei nº 6.888.** Disponível em:< <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6888-10-dezembro-1980-365941-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2012.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil:** contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1976.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos de Sociologia.** São Paulo: Mc Graw Hill, 1983.

_____. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **The work of representation.** In: HALL, Stuart (org) Representation Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

_____. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.** Introdução. London, Sage Publications, 1997b. Tradução de Márcia Ondina Vieira Ferreira e Bruna Ferreira Gugliano.

MANSUR, Alexandre; GUIMARÃES, Camila. É para todo mundo ver? In: **Revista Época.** Edição Dupla de aniversário, nº628, 31 maio de 2010.p. 79-84.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. In: **Revista Tempo Social.** Universidade de São Paulo – USP – abril de 2003.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: **Ciência e Educação**, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

ORKUT. **Comunidade “Professores de Sociologia”.** Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1546922>. Acesso em: 05 de abril de 2011.

_____. **Comunidade “Sociologia é só com o Júnior!”.** Disponível em: < <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=48736345>>. Acesso em 09 de maio de 2011.

TECMUNDO. **É oficial:** Facebook é a rede social mais utilizada no Brasil. Disponível em: <www.tecmundo.com.br/artigos-imprimir.asp?c=19481>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.